

**A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS EM *RÉPLICA*: UMA LEITURA À LUZ DA
TEORIA DA NARRATIVA**

**THE CONSTRUCTION OF CHARACTERS IN *REPLICA*: A READING IN THE LIGHT OF
NARRATIVE THEORY**

**LA CONSTRUCCIÓN DE LOS PERSONAJES EN *RÉPLICA*: UNA LECTURA A LA LUZ
DE LA TEORÍA DE LA NARRATIVA**



10.56238/revgeov16n5-249

Carlos Eduardo de Araujo Placido

Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: carlos.placido@ufms.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4745-3600>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0981377060566842>

Carla Drielly Costa Santana

Mestra em Estudos Cultural

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/Cpaq) - campus de Aquidauana

E-mail: carla.santana@ufms.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2245-1904>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8671073590176842>

Flavianny Monteiro Carvalho

Licenciatura em Letras Português-Inglês

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - campus Três Lagoas

E-mail: f.monteiro@ufms.br

<https://orcid.org/0009-0006-5114-5797>

<http://lattes.cnpq.br/9526004869336399>

RESUMO

O conto “*Réplica*” integra a coletânea “*No seu pescoço*”, de autoria de Chimamanda Ngozi Adichie. O enredo destaca o cotidiano de Nkem, uma mulher nigeriana que imigra para os Estados Unidos da América, após o sucesso econômico do marido Obiora. A casa onde mora essa família é repleta de objetos que copiam as recordações do contexto nigeriano. Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi analisar a construção das personagens no conto “*Réplica*”, com base na Teoria da Narrativa, considerando as questões culturais, emocionais e narrativas. Além disso, buscou-se compreender as estratégias utilizadas na formação dessas figuras literárias e sua contribuição para os sentidos do texto. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada nos referenciais teóricos de Candido (2009), Rosenfeld (2009), Eco (1993) e Dourado (1973). Os resultados indicam que as personagens apresentam diferentes graus de profundidade: algumas permanecem estáticas, enquanto outras se transformam ao longo do enredo, revelando camadas psicológicas e emocionais. Nessa



perspectiva, “*Réplica*” utiliza a construção das personagens para articular questões narrativas e culturais, reafirmando a literatura como espaço de análise crítica e reflexão sobre a condição humana.

Palavras-chave: Personagem. Réplica. Teoria da Narrativa.

ABSTRACT

The short story “*Imitation*” is part of the collection “*The Thing Around Your Neck*”, written by Chimamanda Ngozi Adichie. The plot centers on Nkem, a Nigerian woman who immigrates to the United States after her husband, Obiora, achieves economic success. The house where this family lives is filled with objects that mirror memories of the Nigerian context. Therefore, the objective of this study was to analyze the construction of the characters in the short story “*Imitation*” based on Narrative Theory, considering cultural, emotional, and narrative aspects. Furthermore, we sought to understand the strategies used in the formation of these literary figures and their contribution to the text's meaning. This study uses a qualitative and interpretive approach, grounded in the theoretical frameworks of Candido (2009), Rosenfeld (2009), Eco (1993), and Dourado (1973). The results indicate that the characters display varying degrees of depth, with some remaining static while others transform the plot, revealing their psychological and emotional layers. From this perspective, “*Imitation*” uses character development to articulate narrative and cultural issues, reaffirming literature as a space for critical analysis and reflection on the human condition.

Keywords: Imitation. Character. Narrative Theory.

RESUMEN

The short story “*Replica*” is part of the collection “*On Her Neck*,” written by Chimamanda Ngozi Adichie. The plot highlights the daily life of Nkem, a Nigerian woman who immigrates to the United States after her husband Obiora's economic success. The house where this family lives is filled with objects that replicate memories of the Nigerian context. In this sense, the objective of this study was to analyze the construction of the characters in the short story “*Replica*,” based on Narrative Theory, considering cultural, emotional, and narrative issues. In addition, we sought to understand the strategies used in the formation of these literary figures and their contribution to the meanings of the text. The research follows a qualitative and interpretive approach, based on the theoretical references of Candido (2009), Rosenfeld (2009), Eco (1993), and Dourado (1973). The results indicate that the characters have different degrees of depth: some remain static, while others transform throughout the plot, revealing psychological and emotional layers. From this perspective, “*Réplica*” uses the construction of characters to articulate narrative and cultural issues, reaffirming literature as a space for critical analysis and reflection on the human condition.

Palabras clave: Character. Replica. Narrative Theory.



1 INTRODUÇÃO

O conto intitulado “*Réplica*” integra a coletânea “*No seu pescoço*” (2017), de Chimamanda Ngozi Adichie. A seleção desse conto se deu baseada na força narrativa, que, apesar de delicada, retrata com exatidão poética os abismos e as pontes da vivência diaspórica, em especial, no contexto de imigrantes nigerianos. A obra expõe o conflito de quem vive entre o que foi deixado para trás e o que nunca será totalmente alcançado. Entre máscaras do Benin e ações diárias como cortar o cabelo e questionar-se sobre a possibilidade de volta para a Nigéria, o conto se apresenta como uma metáfora do ser humano em sua constante procura por sentido, memória e mudança.

O presente estudo examina “*Réplica*”, de Chimamanda Ngozi Adichie, com o objetivo de desvendar as camadas que formam suas personagens, destacando a conexão de suas histórias com as complexidades humanas em situações de deslocamento e pertença. O estudo, fundamentado nas teorias de Candido (2009), Rosenfeld (2009), Eco (1993) e Dourado (1973), investiga como as personagens atuam simultaneamente como componentes da narrativa e vozes que ecoam as tensões culturais e emocionais da diáspora. A análise das personagens envolveu a compreensão das categorias “plana” e “esférica”, propostas por Candido (2009), a dualidade ontológica das figuras literárias apontada por Rosenfeld (2009), os laços de individualidade e pertença coletiva, bem como o conceito de tipicidade destacado por Eco (1993) e a dinâmica do processo criativo evidenciada por Dourado (1973).

A singularidade desta pesquisa está na incorporação de teorias narrativas clássicas em um trabalho contemporâneo, expandindo o entendimento sobre a formação de personagens no cenário da literatura africana. Ademais, o enfoque em “*Réplica*”, uma história menos explorada na obra de Adichie, destaca as particularidades dessa narrativa como um espelho das tensões universais. Os estudos publicados sobre o conto selecionado utilizam perspectivas de diversas áreas do conhecimento. O artigo de Testa e Sousa (2019), por exemplo, foca nas crenças e comportamentos das personagens femininas e nas relações de gênero estabelecidas no conto. Por outro lado, o artigo de Silva e Costa (2021) reflete sobre a identidade cultural das personagens e os processos de aculturação e hibridização na narrativa.

Embora ambos os estudos tenham colaborado grandemente para a análise do conto “*Réplica*”, nota-se a necessidade de incluir perspectivas literárias para compreender as nuances do processo criativo de desenvolvimento das personagens. Assim, o propósito principal deste estudo é entender as táticas empregadas na criação de figuras literárias e sua influência nos significados do texto. Para isso, o estudo está organizado em 5 seções. Após essa introdução, tem-se a seção “A Personagem: Coração da narrativa”, seguida da seção “A Teia de Réplica: Contexto, Autora e categorias narrativas”, depois a seção “As personagens de Réplica sob a luz da Teoria da Narrativa” e por fim as considerações finais.



A seção “A Personagem: Coração da narrativa” apresenta uma revisão da literatura sobre as táticas empregadas na criação de figuras literárias e sua influência nos significados do texto. Ela delinea as ideias de Candido (2009), Anatol Rosenfeld (2009), Eco (1993) e Dourado (1973), fornecendo uma compreensão das intrincadas personagens do conto “*Réplica*”, de Chimamanda Ngozi Adichie.

Já a seção “A Teia de Réplica: Contexto, Autora e categorias narrativas” apresenta a biografia da autora, expondo a voz única de Adichie, cujas palavras refletem as angústias e as esperanças da diáspora. Em seguida, a coletânea “*No seu Pescoço*” (*The Thing Around Your Neck*) é apresentada, destacando o enredo do conto “*Réplica*”. Além disso, também foram apresentadas as categorias narrativas: narrador, tempo e espaço, destacando os usos dessas categorias no conto “*Réplica*”. A descrição dos cenários, que se conectam com as vivências das personagens e o narrador heterodiegético, auxilia na representação diversificada dos assuntos do conto, como o matrimônio, a identidade e o deslocamento cultural.

A seção “As personagens de Réplica sob a luz da Teoria da Narrativa” é dedicada a analisar as personagens do conto “*Réplica*”, destacando o casal Nkem e Obiora, bem como as personagens secundárias: a amiga Ijemamaka e a empregada doméstica Ijemamaka. Nessa seção, as mudanças das personagens, suas tensões e obstáculos são revelados.

Por fim, as considerações finais apresentam os resultados alcançados na análise das personagens, bem como identificam limitações e apontam sugestões de trabalhos futuros no campo dos estudos literários, especialmente de obras que tratam da vivência de personagens em um contexto diaspórico.

2 A PERSONAGEM: O CORAÇÃO DA NARRATIVA

A personagem pode ser considerada a força motriz de uma narrativa, pois ela é capaz de conectar escritores e leitores, história e mundo, fantasia e realidade. Em suas diversas manifestações, a personagem pode se modificar, instigar, surpreender os leitores por meio da ultrapassagem dos limites espaço-temporais. Com base nas ideias de teóricos como Antonio Candido (2009), Anatol Rosenfeld (2009), Umberto Eco (1993) e Autran Dourado (1973), é possível compreender como as variadas perspectivas sobre a criação e o papel do personagem expõem as complexidades humanas e narrativas.

As personagens podem ser categorizadas em razão de sua profundidade literária. De acordo com Candido (2009), as personagens planas são caracterizadas por um único traço marcante, como uma ideia constante que orienta todas as suas ações. Frequentemente, essas personagens personificam estereótipos ou tipos, como o antagonista arrogante, o herói destemido ou o mentor sábio, e suas ações são previsíveis e alinhadas a essa característica. Um exemplo poderia ser a



personagem Mr. Collins, em *Orgulho e Preconceito* (Jane Austen), cujas ações são sempre guiadas pela sua pompa e vontade de agradar, sem maiores contradições ou avanços psicológicos significativos.

Em contrapartida, Candido (2009) aponta que as personagens esféricas possuem uma complexidade psicológica que ultrapassa uma simples característica ou faceta. Elas se destacam por um crescimento mais intenso e imprevisível, expondo contradições e sutilezas em suas ações. Conforme a história progride, novas facetas da personalidade surgem, obrigando o leitor a reconsiderar sua concepção inicial sobre a personagem. A protagonista da obra *Madame Bovary* (Gustave Flaubert), por exemplo, é um modelo de personagem esférica: sua sede insaciável por prazer e sentido a conduz às escolhas precipitadas. Entretanto, a insatisfação não é superficial, mas espelha a procura existencial humana.

As personagens podem adquirir complexidade ao longo da trama. Conforme Candido (2009), algumas personagens, inicialmente planas, podem, ao decorrer da história, apresentar atitudes que as aproximam da condição esférica, adquirindo complexidade e humanidade. Essa alternância é evidente em personagens como Bentinho, da obra *Dom Casmurro* (Machado de Assis), que, apesar de parecer inocente em suas obsessões, esconde uma série de incertezas, tornando-se complexo e ambíguo conforme a trama avança.

A dualidade das personagens é evidenciada pela visão filosófica e ontológica de Anatol Rosenfeld. Para Rosenfeld (2009), a personagem é uma estrutura esquematizada, com uma dualidade essencial: ela é ao mesmo tempo "real" no universo fictício e "inventada" pelo escritor. A descrição detalhada confere à personagem uma "existência" no mundo literário, que é intermediada pela linguagem e só existe por meio dela. Além disso, os autores criam imagens para as personagens. Essas imagens parecem autênticas e criações imaginativas concomitantemente. Um exemplo evidente de personagens construídos dessa forma é o protagonista *Hamlet* (William Shakespeare), no qual o protagonista alterna entre instantes de intensa reflexão e ações precipitadas, formando um personagem de elevada complexidade.

Ainda em consonância com Rosenfeld (2009), as personagens não se restringem a um único ponto de vista. Pelo contrário, elas recebem novas camadas ao longo da narrativa. Dessa forma, os leitores podem conhecer aspectos distintos de uma mesma personagem, à medida que a trama progride. Para Rosenfeld (2009), a ficção pode ser considerada uma área em que as personagens funcionam como espelhos, pois elas possibilitam que os leitores vivenciem diversos aspectos humanos por meio da leitura das ações das personagens.

O conceito de tipicidade refere-se às características compartilhadas pelas personagens. Segundo Umberto Eco (1993), a tipicidade destaca as qualidades de um grupo social, classe ou período histórico, preservando sua singularidade artística. Nesse sentido, a figura tipificada pode



simbolizar uma cultura, uma época histórica ou uma função particular, mas não se resume a um estereótipo simplório. Para Eco (1993), as personagens são construídas por meio de ações, diálogos e emoções que as conectam a um grupo social ao mesmo tempo que manifestam suas singularidades.

A tipicidade funciona como um recurso narrativo eficiente, desde que a personagem mantenha uma consistência que permita ao leitor identificá-la como singular (Eco, 1993). A tipicidade proporciona uma base de identidade que pode ser aprofundada. Bentinho, em *Dom Casmurro*, é uma figura que, simultaneamente, simboliza uma parcela da burguesia carioca do século XIX e, simultaneamente, é singular em suas obsessões e sentimentos de culpa. Segundo Eco (1993), em diversas histórias, a introdução das personagens pode ser marcada por estereótipos, mas, ao desenrolar da trama, as personagens apresentam novas camadas.

Nessa perspectiva, o processo criativo que conduz à criação das personagens torna-se muito importante para compreender as facetas das personagens. Segundo Autran Dourado (1973), as personagens não são entidades estabelecidas desde o começo, mas surgem como uma "fumaça", algo vago, que se molda conforme o autor avança na narrativa. A personagem adquire consistência apenas quando se ajusta ao contexto narrativo e à sequência lógica do cenário sugerido pelo escritor. Conforme Dourado (1973), o desenvolvimento de uma personagem pode resultar em surpresas: frequentemente, um personagem secundário pode se tornar protagonista conforme a história avança.

O dinamismo da narrativa ocorre em razão das ações das personagens. O processo de autossuficiência das personagens acaba gerando cenas em que determinadas personagens "roubam" o protagonismo, tornando-se mais relevantes do que era inicialmente previsto. Isso sugere que, em um texto, as personagens podem começar planas e, ao decorrer da história, se desenvolver para figuras mais complexas e esféricas. Este processo de mudança pode ser notado, por exemplo, na personagem Sancho Pança da obra *Dom Quixote* (Miguel de Cervantes). Inicialmente, Sancho Pança era apenas um leal escudeiro. Gradualmente, ele se torna mais aprofundado, refletindo sobre a sua realidade de forma crítica.

A interação entre planos e esferas não se restringe a uma segmentação estrita, mas possibilita que as personagens se movam de um estado para outro, conforme a progressão da história. As personagens podem começar planas, exibindo comportamentos previsíveis, porém, ao longo da narrativa, podem evoluir para figuras mais complexas, desvendando aspectos ocultos de sua mente e comportamento. Este processo de mudança é crucial para o desenvolvimento da história, possibilitando que o leitor estabeleça conexões com as personagens em diversos níveis, refletindo as complexidades inerentes à experiência humana. Assim, a personagem surge como um ponto de tensão entre o previsível e o imprevisível, entre a simplicidade e a complexidade, entre o estereótipo e a singularidade. É neste jogo que a história se desenvolve, e é por meio da criação de personagens, sejam elas planas ou esféricas, que o



escritor constrói um universo que vibra, respira e espelha a vivência humana em toda a sua beleza e contradição.

3 A TEIA DE *RÉPLICA*: CONTEXTO, AUTORA E CATEGORIAS NARRATIVAS

A autora do conto “*Réplica*” chama-se Chimamanda Ngozi Adichie. Ela nasceu no dia 15 de setembro de 1977, em Aba, no sul da Nigéria, foi criada em um ambiente acadêmico, influenciada pelo exemplo de seus pais. O pai, James Nwoye Adichie, era professor de estatística, enquanto a mãe, Grace Ifeoma Adichie, era administradora na Universidade da Nigéria. Este universo intelectual estabeleceu os alicerces da sua trajetória literária. Quando Adichie completou 19 anos, ela cruzou fronteiras, com o objetivo de iniciar a educação superior na *Drexel University*, na Filadélfia. Posteriormente, ela se transferiu para a *Eastern Connecticut State University*. Ali, graduou-se em Comunicação e Ciência Política e, posteriormente, obteve um mestrado em Escrita Criativa pela *Johns Hopkins University* e em Estudos Africanos pela *Yale University*.

O seu romance de estreia, *Purple Hibiscus* (2003), recebeu aclamação global e ganhou o Prêmio dos Escritores do *Commonwealth* para o Melhor Livro de Estreia. Em seguida, ela publicou *Half of a Yellow Sun* (2006), que aborda a Guerra Civil na Nigéria, e *Americanah* (2013), um estudo sobre imigração e identidade, eleito pelo *New York Times* como um dos melhores livros de 2013. Adichie também se tornou famosa com seu famoso discurso TEDx de 2009, “*The Danger of a Single Story*”, onde questiona a noção de uma única narrativa africana, ressaltando a variedade de histórias que frequentemente são negligenciadas.

A conferência evoluiu para um livro que, juntamente com *We Should All Be Feminists* (2014), a destacou como uma defensora do feminismo inclusivo e da expansão do debate acerca de identidade e igualdade. Adichie lançou, em 2016, o livro *Dear Ijeawele*, ou um Manifesto Feminista em Quinze Sugestões (Para Educar Crianças Feministas: Um Manifesto), um guia prático para educar uma filha feminista em um mundo dominado pelo patriarcado. Este livro reforça sua posição como uma voz crucial no movimento feminista.

Adichie, além de sua trajetória literária, marca presença frequente em conferências e eventos literários ao redor do mundo. Em 14 de junho de 2021, ele esteve no programa Roda Viva para debater sua vivência como imigrante, seu engajamento no feminismo e suas considerações acerca da literatura e cultura africana. A entrevista proporcionou ao público brasileiro a chance de ampliar sua compreensão sobre os problemas sociais atuais. Adichie, premiada e traduzida para várias línguas, construiu uma trajetória que transcende as palavras, atuando como uma ativista cujas narrativas desafiam as normas e revelam as realidades de mulheres e imigrantes no contexto contemporâneo. A sua escrita persiste como um potente instrumento de reflexão sobre as complexidades culturais, sociais e de gênero, e a sua voz continua sendo crucial na batalha por uma sociedade mais equitativa



e inclusiva.

Nesse contexto, destaca-se a coletânea de contos “*The Thing Around Your Neck*” (2009), que foi traduzida como “*No Seu Pescoço*” (2017) pela Companhia das Letras. Essa obra, lançada em 2009, explora as complexidades da diáspora, abordando tópicos como identidade, sentimento de pertença e as tensões culturais que caracterizam a vivência de imigrantes, sobretudo nigerianos nos EUA. Cada história espelha os conflitos internos de personagens que, ao tentar se ajustar a uma nova sociedade, lidam com o estigma, o racismo e a tentativa de reconciliação entre suas culturas ancestrais e o mundo contemporâneo.

O enredo do conto “*Réplica*” protagoniza Nkem, uma mulher da Nigéria, que cruza os oceanos com os filhos Okey e Adanna, em busca de uma nova vida nos Estados Unidos, após o sucesso econômico do marido, Obiora. No entanto, a casa que ela constrói naquele novo mundo, mesmo repleta de objetos e recordações, é uma reprodução da vida que ela abandonou na Nigéria. E, como um eco dessa mudança, a vida familiar se transforma em uma cópia de si mesma, um espelho de algo que já não existe mais.

A carreira de Obiora nos Estados Unidos da América acaba separando-o de sua família. Obiora vive dividido entre dois países, mas visita a família apenas nas férias. A ausência do marido é o ponto de ruptura na narrativa, pois Nkem descobre, por meio da amiga Ijemamaka, que Obiora tem um caso com uma moça na Nigéria, e é obrigada a reavaliar sua vida, seu matrimônio e suas decisões. A casa americana é lotada de réplicas de arte e se transforma em um cenário de dor e perda. Além disso, nenhuma das personagens se reconhece verdadeiramente nesse espaço, visto que ele é apenas uma réplica do lar abandonado na terra natal.

O contato com réplicas de obras de arte e de máscaras do Benin aumenta a nostalgia da Nigéria, de sua cultura e de um estilo de vida que já não se pode experimentar. A máscara, uma reconstituição de uma arte antiga, representa as origens de Nkem, que agora se sentem distantes e diluídas. Apesar de belos, os itens são meras reproduções do que é autêntico. As estátuas e enfeites, por exemplo, simbolizam a tentativa de Nkem de manter uma ligação com sua terra natal, porém, tornam-se apenas reflexos de uma vida que ela não possui mais.

As pequenas ações cotidianas, como o preparo de alimentos, se transformam numa metáfora para a ausência do que se perdeu. Até mesmo o inhame, que é um alimento fundamental da dieta nigeriana, agora se apresenta disfarçado de batata. Nkem rejeita essas adaptações, pois sabe que elas nunca terão o gosto de sua terra natal, de suas raízes. Os breves momentos juntos de Nkem e Obiora durante as férias também podem ser considerados uma “réplica” do que deveria ter sido o matrimônio. A separação física e emocional desgasta a ligação, levando os filhos a conviver com uma “imitação” do pai, isto é, uma voz distante ao telefone ao invés de uma pessoa real ao lado deles.

A existência de Nkem nos Estados Unidos, mesmo cercada de itens que buscam preencher o



vazio de sua ausência, é uma reprodução de uma vida que já não pertence a ela. A menção da máscara do Benin e outras obras de arte expõe o dilema da aculturação, da perda e da adaptação. Nkem se depara com a ambiguidade entre duas culturas, tentando unir os fragmentos de uma vida que se tornou fragmentada e finalmente imitada. O que sobra são reproduções de um amor, de uma cultura e até mesmo de si mesma, incapazes de preencher a lacuna deixada pela falta do que realmente tinha valor.

O narrador do conto apresenta os fatos por meio de uma perspectiva heterodiegética, isto é, não se envolve na trama como um personagem. Ele é um contador de histórias em terceira pessoa com um foco narrativo restrito, destacando principalmente os pensamentos e sentimentos de Nkem. Esta opção narrativa orienta a visão do leitor, proporcionando um contato íntimo com os dilemas da protagonista, ao mesmo tempo em que deixa outros personagens (como Obiora) à margem. Segundo Gérard Genette (1995), o narrador heterodiegético tem a capacidade de adotar uma "onisciência seletiva", revelando apenas o que é importante para a construção da subjetividade das personagens.

A descrição detalhada das aflições da personagem principal é fruto da onisciência seletiva do narrador heterodiegético, como se pode observar no seguinte trecho: "Nkem imagina o quarto na Nigéria, seu quarto e de Obiora, que, todo Natal, ainda lhe parece um quarto de hotel" (Adichie, 2017, p. 38). Essa perspectiva centrada intensifica o isolamento emocional da protagonista, conectando o leitor à sua vivência. A restrição de dados sobre Obiora intensifica a sensação de que o universo de Nkem está dividido e desconectado.

O conflito principal da narrativa ocorre quando Nkem, através de sua amiga Ijemamaka, descobre que Obiora tem uma amante na Nigéria. A descoberta abala Nkem emocionalmente, fazendo-a reconsiderar seu papel no matrimônio e sua existência nos Estados Unidos. Esse acontecimento provoca uma reflexão interna em Nkem, que revisita lembranças e questiona a influência que Obiora tem sobre ela em diversos níveis.

O ápice da narrativa acontece no instante em que Nkem corta o cabelo. Esse gesto simboliza uma quebra dos padrões culturais e sociais que a mantinham em um papel passivo em seu matrimônio, conforme o trecho: "Ela corta mais. Mechas de cabelo voam para o chão, como asas chamuscadas de mariposas. Ela enfia a tesoura mais fundo. Mais cabelo sai flutuando" (Adichie, 2017, p. 35-36). Este ato, embora pareça simples, possui um significado emocional e cultural, pois representa a tentativa de Nkem de tornar-se dona de sua própria história e identidade. Em consonância com Genette (1995), os momentos de maior simbolismo em uma história geralmente coincidem com o auge emocional do personagem principal, o que é claramente visível neste caso.

O desfecho da história acontece quando Nkem opta por voltar à Nigéria com seus filhos, sinalizando o começo de uma mudança. Esta opção marca a mudança de uma atitude passiva para uma postura ativa, lidando diretamente com os desafios do seu casamento e identidade: "Vamos voltar para lá quando acabar o ano escolar. Vamos voltar a morar em Lagos. Vamos voltar. Nkem



fala devagar, para convencê-lo e para convencer a si mesma” (Adichie, 2017, p. 49). Apesar do conto não revelar as consequências dessa escolha, o leitor pode inferir que se trata da libertação emocional de Nkem e seu esforço para reconstruir um ambiente em que ela possa se reconectar consigo mesma e com suas origens culturais.

A escolha de um narrador heterodiegético com um foco narrativo restrito em Nkem é fundamental para a elaboração da trama. O elo (a descoberta da traição), o ápice (o corte de cabelo) e o desfecho (a escolha de voltar à Nigéria) organizam a trajetória da personagem principal, caracterizada por embates internos e externos. Esta estrutura narrativa enfatiza os temas principais de “*Réplica*”, como identidade, pertença e mudança, enquanto destaca a competência de Adichie em abordar as tensões culturais e emocionais através de escolhas narrativas acuradas.

As dimensões temporais se interconectam no conto “*Réplica*”: a dimensão temporal, que corresponde à sequência cronológica dos acontecimentos, e a dimensão psicológica, que surge das reflexões, recordações e projeções da personagem principal, Nkem. Segundo Benedito Nunes, “A própria palavra tempo não é unívoca. Por outro lado, a narração, como ato, se desdobra temporalmente. Contar uma história leva tempo e toma tempo. Leva tempo para ser contada e toma o tempo de quem a escuta ou lê” (Nunes, 1995, p. 14).

A multiplicidade temporal é clara no conto “*Réplica*”, pois o tempo cronológico progride de maneira linear, mas é muitas vezes interrompido pelas divagações psicológicas de Nkem. Por exemplo, ao descobrir a infidelidade de Obiora, Nkem faz uma revisão mental do passado e projeta o futuro, o que quebra a ordem dos acontecimentos. Nkem recorda-se do pedido de casamento: “Quando Obiora pediu Nkem em casamento, ela pensou como era desnecessário que ele pedisse, pois teria se contentado apenas em ser informada do fato” (Adichie, 2017, p. 39). Neste segmento, o tempo psicológico possibilita a reentrada do passado na narrativa atual, destacando o distanciamento emocional da protagonista e sua análise crítica das decisões que a conduziram à vida atual.

O contraste entre o tempo narrativo (o período da história no texto) e o tempo da história (os acontecimentos que ocorreram na vida do personagem) é bastante evidente no conto “*Réplica*”. Embora há momentos que a rotina de diversos meses seja condensada em poucas linhas, as horas intensas que precedem a cena do corte de cabelo e a decisão de voltar para a Nigéria são relatadas em pormenores:

Ela pega a tesoura, aquela que usa para cortar as fitas de cabelo de Adanna em laços mais definidos, e leva até a cabeça. Agarra tufo de cabelo e corta rente ao couro cabeludo, deixando os fios do comprimento de uma unha, longos o suficiente apenas para formar pequenos cachos com um texturizador. Nkem vê o cabelo flutuando, como tufo de algodão marrom caindo na pia branca (Adichie, 2017, p.36).

Este prolongamento do tempo mental em momentos decisivos espelha o que Benedito Nunes



caracteriza como o "desdobramento interior do tempo vivido". Trata-se de um método que intensifica o efeito emocional desses acontecimentos, destacando a mudança de Nkem. A história também lida com a projeção de um futuro que não é explicitamente apresentado, mas sugerido, no final. No banho, ao lavar as costas de Obiora, a protagonista declara:

Nós temos que encontrar uma escola para Adanna e Okey em Lagos. 'Não tinha planejado dizer isso, mas lhe parece ser a coisa certa, é o que ela sempre quis dizer. Obiora se vira para encará-la. 'O quê?' 'Vamos voltar para lá quando acabar o ano escolar. Vamos voltar a morar em Lagos. Vamos voltar'. Nkem fala devagar, para convencê-lo e para convencer a si mesma (Adichie, 2017, p. 49).

As indicações de futuro durante os diálogos possibilitam ao leitor prever as consequências da decisão de Nkem, mesmo que o conto termine sem solucioná-las, destacando a natureza aberta e fluida do tempo narrativo. Segundo Benedito Nunes (1995), o conto reconstrói o tempo ao desdobrá-lo em níveis emocionais e simbólicos. Esta estratégia não só intensifica o efeito narrativo, mas também liga o leitor às tensões internas de Nkem, enfatizando os tópicos de identidade, pertença e mudança.

A construção do espaço em "*Réplica*" é meticulosamente planejada para representar as emoções e tensões da personagem principal. A residência nos Estados Unidos, repleta de itens decorativos, ressalta a tentativa de Nkem de restabelecer um vínculo com sua identidade nigeriana, mas também realça sua conexão com as réplicas:

Ao voltar para a sala, olha para a máscara do Benin, cor de cobre, com feições abstratas, grandes demais. Os vizinhos dizem que a máscara é "nobre"; por causa dela, o casal que mora a duas casas dali começou a colecionar arte africana, e eles também se contentam com boas réplicas, embora gostem de conversar sobre como é impossível! encontrar originais (Adichie, 2017, p. 31).

A ênfase no contraste entre a autenticidade vista por outros e o entendimento profundo de Nkem acerca das réplicas espelha sua própria sensação de inadequação e desajuste. Da mesma forma que as máscaras, ela vive como uma "cópia" de uma esposa perfeita. Em particular, a máscara do Benin é um emblema crucial que espelha tanto a história colonial quanto as batalhas pessoais de Nkem:

Ele contou que os ingleses tinham roubado as máscaras originais no final do século XIX, durante o que chamaram de Expedição Punitiva; contou como os ingleses gostavam de usar palavras como "expedição" e "pacificação" para descrever os atos de matar e roubar. As máscaras, milhares delas, disse Obiora, eram consideradas "espólios de guerra" e eram exibidas em museus do mundo todo (Adichie, 2017, p. 32).

Esta descrição reflete o estado emocional de Nkem, que também se sente "desprovido de vida" em sua realidade americana, desvinculado de suas origens e de sua essência autêntica. A solidão da



protagonista também é refletida no ambiente doméstico, como na descrição da cama de casal: "Nkem entra no quarto. Olha para a colcha de estampa *pais-ley* bem esticada sobre a cama *king-size*. Nem as mãos eficientes de Amaechi conseguem ocultar a diferença entre os dois lados da cama, o fato de que um deles só é usado dois meses por ano" (Adichie, 2017, p. 37). Esta descrição enfatiza a falta física de Obiora e representa o fosso emocional que separa o casal. A casa, repleta de itens, simboliza o empenho de Nkem em preencher as lacunas provocadas pela ausência física e emocional de seu esposo.

A avaliação dos componentes narrativos em "*Réplica*" mostra como Chimamanda Ngozi Adichie emprega o narrador, o tempo e o espaço para criar uma narrativa profundamente pessoal e simbólica, que segue a trajetória de Nkem em sua busca pela autodescoberta. O narrador heterodiegético com um foco restrito na protagonista, o uso do tempo cronológico e psicológico, e a representação dos ambientes são instrumentos narrativos que se unem para abordar os temas de identidade, pertença e mudança. Contudo, a elaboração meticulosa e intrincada dos personagens se mostra crucial para sustentar as categorias narrativas.

A seleção de um narrador heterodiegético de foco restrito, o cruzamento entre tempo cronológico e psicológico, e a elaboração simbólica dos cenários favorecem uma narrativa repleta de sutilezas e interpretações. Esses elementos ampliam a experiência do leitor na trajetória da protagonista, possibilitando um entendimento mais aprofundado das camadas culturais e emocionais presentes no conto. Eles ressaltam a competência da escritora em desenvolver personagens e cenários que ecoam pela sua autenticidade e profundidade.

4 AS PERSONAGENS DE RÉPLICA SOB A LUZ DA TEORIA DA NARRATIVA

A análise a seguir é conduzida com base nas personagens principais do conto "*Réplica*" – Nkem, Obiora, Amaechi e Ijemamaka – cujas trajetórias e conflitos revelam os aspectos mais profundos da história. Guiada pelas teorias anteriormente debatidas, a análise procura investigar como essas figuras influenciam o enredo e elucidam as complexas questões de identidade e pertença. Isso intensifica as tensões culturais e emocionais presentes no conto, expondo a riqueza do universo ficcional de Adichie.

A personagem Nkem, a protagonista do conto, demonstra de maneira nítida como um personagem literário pode transitar entre atributos de personagens planos e esféricos, espelhando a complexidade da vivência humana. Primeiramente, ela pode ser considerada uma personagem plana, devido à sua condição de imigrante longe de sua terra natal e ao seu matrimônio caracterizado pela falta emocional de seu esposo, que definem sua existência. Ela aparenta ser uma mulher subjugada e conformada, com sentimentos de solidão e frustração previsíveis. No entanto, à medida que a história progride, a protagonista exhibe um comportamento mais complexo e imprevisível, transformando-se



numa figura esférica.

Inicialmente, Nkem parece enxergar sua realidade como distante e inatingível: "Nkem nunca tinha imaginado seus filhos na escola, sentados ao lado de crianças brancas cujos pais eram donos de mansões em colinas solitárias, nunca tinha imaginado aquela vida"(Adichie, 2017, p. 34). Esse trecho destaca Nkem em sua condição de estrangeira. Conforme apontam Testa e Sousa (2019), a família passa por um processo de transculturação, isto é, um processo de integração aos modelos culturais americanos. No entanto, esse processo ocorre por etapas, e ao longo da narrativa é possível perceber que Nkem começa a questionar essas imposições culturais e busca recuperar a própria identidade.

A atitude de Nkem de cortar o próprio cabelo, juntamente com a reflexão sobre sua identidade e independência, sinaliza uma personagem em mudança que adquire profundidade psicológica. Esse ato intenso resume a procura da personagem por independência: "Ela corta mais. Mechas de cabelo voam para baixo, como asas chamuscadas de mariposas. Ela enfia a tesoura mais fundo" (Adichie, 2017, p. 35-36). O trecho simboliza sua busca por domínio sobre sua identidade pessoal e a necessidade de se libertar das restrições impostas pela sociedade e pelo esposo. Em consonância com Testa e Sousa (2019), essa atitude revela uma busca por autonomia, pois antes dessa cena, Nkem costumava sempre fazer a vontade do marido, isto é, manter o cabelo longo e a depilação conforme ele gostava.

Assim, o gesto de Nkem simboliza um movimento de libertação que expõe a sua complexidade interna, que já não é mais uma mulher submissa, mas uma mulher que desafia as expectativas, reflete sobre seu papel social e reconstrói a própria identidade cultural. De acordo com Silva e Costa (2021), essa cena ilustra um conflito existencial e identitário de Nkem, visto que ela não se sente mais confortável com o cabelo longo e com a química do relaxante. Para as autoras, o ato de cortar o cabelo é uma tentativa de regressar às origens, permitindo que o cabelo cresça com os cachos que ela possuía na Nigéria.

Ademais, a ponderação de Nkem acerca do pedido de casamento de Obiora acentua a complexidade da personagem. Ao pedir Nkem em casamento, Obiora refletiu sobre como era dispensável que ele solicitasse, já que ela teria se satisfeito apenas em ser notificada do acontecimento (Adichie, 2017). Este raciocínio evidencia o nível de afastamento emocional de Nkem e sua visão da relação matrimonial como uma imposição, ao invés de uma decisão pessoal. A resignação inicial demonstra como ela se percebe como um objeto na relação, algo que a sociedade espera, sem a oportunidade de questionar ou reivindicar sua independência. Porém, esse trecho também prenuncia a transformação que se dará mais adiante na história, quando ela questionará essa função e procurará uma identidade mais independente.

A angústia e o conflito interno da protagonista são simultaneamente uma criação literária que possibilita a reflexão sobre temas como migração e identidade cultural. Conforme Rosenfeld (2009),



a personagem é tanto "real" no universo fictício quanto "inventada" pelo escritor. Dessa forma, Nkem se ajusta ao estereótipo da mulher imigrante nigeriana, porém, à medida que a história progride, ela ultrapassa esse estereótipo e revela uma singularidade inigualável. Ações como cortar o cabelo e ponderar sobre sua identidade expõem uma complexidade que confronta a percepção inicial que o leitor possui sobre ela.

O simbolismo da máscara do Benin também auxilia nessa interpretação, pois remete à dualidade entre a realidade e a ficção. A máscara, caracterizada como "fria, pesada, sem vida" (Adichie, 2017, p. 32), espelha o estado emocional de Nkem, que se encontra afastada de suas origens culturais e lida com a desintegração de sua identidade. A personagem pondera sobre a aspiração de agência, presente tanto nas máscaras quanto em sua própria trajetória: "Nkem imagina o povo do Benin esculpindo as máscaras originais há quatrocentos anos [...] desejando que eles também tivessem voz" (Adichie, 2017, p. 30-31). Este anseio por independência está em sintonia com o gesto simbólico de cortar o cabelo, que simboliza a sua procura por identidade e domínio sobre sua existência.

Simultaneamente, Obiora comenta acerca das réplicas roubadas pelos colonizadores, destacando a ironia e o efeito histórico: "Os ingleses gostavam de usar palavras como 'expedição' e 'pacificação' para descrever os atos de matar e roubar" (Adichie, 2017, p. 32). A representação simbólica da máscara resume o dilema de Nkem: um item que, mesmo sem autenticidade, carrega o fardo histórico de resistência e perda, espelhando a batalha da personagem principal para reescrever sua própria trajetória.

A protagonista é uma mulher imigrante, distante de sua terra natal, mas supera esse estereótipo ao longo da narrativa. De acordo com Eco (1993), a personagem pode espelhar atributos de um determinado grupo social ou período histórico, sem ser resumida a um estereótipo. No caso de Nkem, esse estereótipo de mulher imigrante é superado, revelando uma complexidade que confronta as suposições que o leitor pode ter sobre ela. As atitudes de cortar o cabelo e ponderar sobre sua identidade transformam Nkem em uma personagem esférica e multifacetada. Ela é capaz de confrontar tanto as expectativas do esposo quanto às regras sociais que a caracterizam.

As preocupações da protagonista se alteram conforme a narrativa avança. De acordo com Dourado (1973), o desenvolvimento das personagens também depende do desenvolvimento da narrativa. Nessa perspectiva, Nkem percebe que aspectos anteriormente negligenciados de sua vida e de seu matrimônio representam um vazio maior: "Nem as mãos eficientes de Amaechi conseguem ocultar a diferença entre os dois lados da cama, o fato de que um deles só é usado dois meses por ano" (Adichie, 2017, p. 37). Esta constatação tangível destaca a ausência física e emocional de Obiora na vida de Nkem, motivando sua mudança. A afirmação "Vamos voltar para lá quando acabar o ano escolar. Vamos voltar a morar em Lagos" (Adichie, 2017, p. 49) representa o ápice dessa progressão.



Não se trata meramente de uma resposta, mas de um processo interno que reconfigura a conexão de Nkem com suas origens, bem como as replicações de sua vida em termos materiais e emocionais.

A protagonista Nkem ilustra a transformação de uma personagem de uma imagem simplista e estereotipada para uma imagem complexa e profunda, espelhando as tensões entre a identidade individual e as expectativas da sociedade. A sua mudança é uma viagem de autoconhecimento, pois ela deixa de ser um coadjuvante e se torna o centro da sua própria narrativa. Adichie constrói uma personagem que vai além da representação típica da mulher imigrante, proporcionando uma reflexão acerca das complexidades humanas que ligam o leitor a uma vivência universal: a procura por identidade e independência.

Por outro lado, Amaechi, a serviçal de Nkem, é uma figura complexa que desafia as expectativas convencionais de sua função. Inicialmente percebida como uma personagem plana, encarregada de auxiliar e servir Nkem, ela desvenda uma complexidade que a aproxima da condição esférica, conforme sugerido por Candido (2009). Em momentos cruciais, suas palavras e atitudes demonstram um profundo conhecimento das dinâmicas de poder e das interações culturais no cenário da diáspora.

O questionamento de Amaechi: "Como a senhora sabe?" (Adichie, 2017, p. 41) rompe o silêncio esperado de sua posição e representa uma alteração relevante na relação com Nkem. Amaechi não é mais apenas uma funcionária submissa, mas uma personagem com um entendimento profundo das tensões que Nkem vivencia. Esse suposto atrevimento em questionar a chefe demonstra uma fragilidade que desafia a perspectiva inicial do leitor, torna Amaechi uma personagem esférica, com camadas psicológicas mais intrincadas.

A dualidade da personagem Amaechi se confirma na perspectiva de Rosenfeld (2009), pois ela é ao mesmo tempo "verídica" no cenário narrativo e uma criação literária que espelha as tensões sociais e culturais da diáspora. A sua presença proporciona uma crítica subentendida ao contexto em que Nkem vive, funcionando como um elo entre as tradições culturais da Nigéria e as mudanças impostas pela vida nos Estados Unidos. Amaechi, ao propor: "Há coisas que é melhor a senhora não saber" (Adichie, 2017, p. 43), mostra um entendimento pragmático sobre situações desafiadoras, como a traição de Obiora. Além disso, coloca Nkem em um ambiente de reflexão, destacando o conflito interno que ela própria vivencia ao lidar com sua chefe.

O desenvolvimento da personagem Amaechi também envolve a tipicidade proposta por Eco (1993). Embora ela tenha começado como uma empregada convencional, ela não é apenas uma figura funcional. A sua singularidade se manifesta nas interações com Nkem. Quando Amaechi afirma: "Obiora é um homem bom, e ele ama a senhora. Não usa a senhora como se fosse uma bola, para chutar de um lado para o outro" (Adichie, 2017, p. 43), ela busca confortar Nkem e demonstra um entendimento mais profundo da interação entre as duas mulheres e das tensões sociais. Ela vai além



de um simples tipo, é uma personagem que confronta as expectativas culturais e sociais.

A transição do papel secundário para uma posição de destaque ocorre no desenvolvimento da personagem Amaechi. No começo, ela aparenta ser apenas uma funcionária com uma função específica, contudo, ao longo da narrativa, ela se destaca como uma personagem fundamental, exercendo influência sobre Nkem e refletindo sobre as tensões sociais e emocionais que Nkem vivencia. A fala de Amaechi no trecho: “Muitas mulheres iam sentir inveja... talvez sua amiga Ijemamaka não seja sua amiga de verdade” (Adichie, 2017, p. 43), demonstra sua habilidade de influenciar a protagonista e ponderar sobre as dinâmicas culturais e sociais que cercam ambas.

Assim, Amaechi evolui de uma personagem funcional para uma personagem multifacetada, desafiando a função convencional de empregada e se integrando a uma dinâmica mais intensa e diversificada na trama. As suas palavras e atitudes são fundamentais para compreender as dinâmicas da diáspora, identidade e relações de poder, contribuindo de maneira significativa para a elaboração do enredo e dos temas principais do conto.

A personagem Obiora, o marido de Nkem, condensa diversas dimensões da narrativa e humanas. Conforme as ideias de Candido (2009), ele inicia como uma figura plana, caracterizada por atributos previsíveis, como o êxito e a procura de status. No entanto, conforme a história progride, surgem características que o aproximam da esfericidade, evidenciando complexidade e contradições. O vínculo com Nkem e a paixão pela arte africana se opõem à sua negligência emocional e ao comportamento patriarcal, formando um personagem que desafia classificações simplistas. Contudo, Obiora não consegue superar completamente sua previsibilidade, mantendo-se como uma figura plana com aspirações à esfericidade. Ele apresenta sutilezas que indicam um aprofundamento psicológico, porém sua complexidade não é totalmente desvendada, situando-o na fronteira entre os dois conceitos.

A dualidade da personagem Obiora é comprovada pela perspectiva de Rosenfeld (2009). Para o teórico, a personagem é simultaneamente “real” no contexto narrativo e “inventada” pela linguagem. Assim, Obiora representa a dualidade inerente à personagem fictícia: ele é autêntico no cenário narrativo, porém uma criação mediada pela linguagem. Por meio de ações como a acumulação de máscaras africanas, ele representa tanto a exaltação de suas origens culturais quanto o afastamento da elite nigeriana que reside no espaço entre a diáspora. Esta dualidade o torna um reflexo das tensões sociais e culturais.

Ademais, Obiora possibilita a compreensão da tipicidade, pois ele representa o arquétipo do “Grande Homem” da Nigéria. A frase “Cabelo comprido fica mais elegante na esposa de um Grande Homem” (Adichie, 2017, p. 48) ressalta o papel performático que ele espera de Nkem. Por outro lado, sua paixão pela arte africana expõe sutilezas que humanizam sua personalidade. Obiora não se limita a uma única categoria; sua ambiguidade o torna complexo, desafiando as categorizações simplistas.



Ele também descreve com entusiasmo: “As máscaras — milhares delas, disse Obiora — eram consideradas ‘espólios de guerra’, e eram exibidas em museus do mundo todo” (Adichie, 2017, p. 32). Esta dualidade entre sua função social e sua natureza humana evidencia o efeito da colonização tanto em suas máscaras quanto na sua interação com Nkem.

Finalmente, na visão de Dourado (1973), Obiora é uma figura que está sempre se construindo. Inicialmente apresentado como um indivíduo de *status* e domínio, ele progressivamente expõe camadas de fragilidade, particularmente em sua interação com Nkem e sua posição na história. Esta progressão espelha o processo em que as personagens adquirem vida e surpreendem o leitor, surgindo como entidades independentes no contexto da história. Assim, Obiora é simultaneamente um emblema das tensões culturais e sociais, bem como um personagem que espelha os dilemas pessoais e universais sobre identidade, poder e pertença. Adichie estabelece nele um foco central para investigar as sutilezas das vivências pós-coloniais e diaspóricas, dando ao conto profundidade e vitalidade.

Em contrapartida, a personagem secundária Ijemamaka surge como amiga de Nkem, uma "figura moral", que desempenha o papel de desvendar a verdade. No entanto, suas ações e palavras não sugerem um processo intenso de autoconhecimento ou transformação ao longo da narrativa. Ela mantém a postura de alguém que observa e avalia a vida alheia, sem que isso seja questionado ou alterado. A complexidade de suas ações e do efeito que provocam em Nkem é mais evidente do que qualquer mudança pessoal ou ética. Embora seja uma personagem com certa profundidade em relação ao seu papel na história, a falta de evolução interna a define como plana, ao contrário das personagens esféricas que, de acordo com Candido (2009), apresentam uma evolução interna que modifica sua perspectiva.

A personagem Ijemamaka expõe pormenores que abalam Nkem. Por exemplo, ela comenta sobre o cabelo da amante do marido de Nkem: "Tem o cabelo curto e crespo; você sabe, com aqueles cachinhos bem pequenos. Não deve usar relaxante [...] Eu não ia falar nada, *sha*, sei como são os homens, mas ouvi dizer que ela se mudou para a sua casa. É isso que acontece quando você se casa com um homem rico" (Adichie, 2017, p. 29). Tais palavras de Ijemamaka ilustram sua postura como observadora da vida alheia, trazendo à tona julgamentos que não levam a um aprofundamento psicológico ou moral de sua parte.

Uma outra passagem que evidencia a atitude de Ijemamaka é quando ela justifica sua revelação: “Eu tive que contar. Para que servem as amigas? O que mais eu podia fazer?” (Adichie, 2017, p. 30). A sua persistência em evidenciar o que vê como uma conduta moralmente correta, sem demonstrar remorso ou qualquer tipo de conflito interno, acentua sua característica de personagem sem camadas. Ela permanece em um papel de amiga que comunica uma "verdade", sem um processo de autotransformação, o que a distancia de uma estrutura mais intrincada e progressiva, como as



personagens esféricas.

Após essa revelação, Ijemamaka aborda temas do dia a dia de maneira desinteressada e distante, como se a traição de Obiora não tivesse tanta importância. Ela fala da viagem à Nigéria, dos preços altos e da condição das ruas, enquanto Nkem responde com "muxoxos e suspiros audíveis nos momentos apropriados" (Adichie, 2017, p. 30). Embora Nkem esteja no epicentro de uma crise emocional, Ijemamaka não lhe oferece a compreensão profunda ou o suporte emocional que se espera de uma amiga. A ausência de uma reflexão aprofundada ou alteração emocional por parte de Ijemamaka é um sinal evidente de que ela se mantém estagnada, atuando mais como catalisadora do enredo do que como agente de transformação em sua própria trajetória e de personagens adjacentes, como Nkem.

"Réplica" proporciona uma avaliação detalhada das intrincadas dinâmicas de identidade e pertença no cenário da diáspora, evidenciadas pelas mudanças das personagens. Por meio das perspectivas teóricas de Candido (2009), Rosenfeld (2009), Eco (1993) e Dourado (1973), entendemos como Adichie emprega essas figuras literárias para investigar as ambiguidades do ser, o deslocamento cultural e as tensões entre o passado e o futuro. Personagens como Nkem, Obiora e Amaechi oscilam entre atitudes previsíveis e intensos conflitos internos, expondo camadas psicológicas e culturais que desafiam as convenções sociais. Portanto, o conto não só aborda temas atuais como migração, identidade e gênero, mas também destaca a relevância de recontar a própria história, reconhecer o outro e buscar autonomia em um mundo globalizado e fragmentado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens do conto *"Réplica"* oferecem uma visão aprofundada das complexidades humanas em ambientes de diáspora e mudança cultural. A história apresenta uma rede de relações e conflitos que ultrapassa a trama e se apresenta como uma representação das tensões e desafios atuais relacionados à identidade e ao sentimento de pertença. Adichie, através de Nkem, Obiora, Amaechi e Ijemamaka, constrói personagens que, mesmo ancorados em estereótipos socioculturais, emergem em níveis de profundidade psicológica e simbólica, evidenciando a capacidade da literatura de tratar de temas universais.

A personagem principal, Nkem, resume o dilema da adaptação cultural e da afirmação da identidade, percorrendo uma jornada de autoconhecimento que ecoa os pensamentos de Candido (2009) acerca da mudança das personagens planas para esféricas. A sua trajetória de libertação, representada pelo gesto de cortar o cabelo, reforça a literatura como um local de resistência e renovação. Por outro lado, Obiora representa a dualidade de uma masculinidade patriarcal que oscila entre tradição e modernidade, enquanto Amaechi e Ijemamaka expandem a gama de vivências femininas, oscilando entre a aceitação e a denúncia.



Nkem surge como um reflexo desintegrado de uma identidade que se refaz entre dois universos. A sua mudança, simbolizada pelo ato simbólico de cortar o cabelo, simboliza uma quebra com a submissão inicial, demonstrando, conforme sugerido por Antonio Candido (2009), a mudança de uma personagem plana para esférica. Neste movimento, ela redefine sua posição no ambiente doméstico e questiona as estruturas que a tentam silenciar.

Por outro lado, Obiora simboliza o ponto intermediário entre o patriarcado e a diáspora. A sua imagem oscila entre a força simbólica de um "Grande Homem" e a vulnerabilidade de uma pessoa aprisionada em normas culturais que mantêm o domínio sobre a identidade feminina. A paixão dele por máscaras africanas é um espelho da dualidade entre autenticidade e colonização. Ele valoriza os objetos como relíquias históricas, porém, sua relação com Nkem demonstra sinais de descuido emocional e performatividade. A perspectiva de Rosenfeld (2009) acerca da dualidade do personagem fictício ecoa em Obiora, que representa as tensões de uma elite desvinculada de suas origens, ao passo que sua humanidade emergente indica uma esfericidade que nunca se encerra.

Amaechi e Ijemamaka funcionam como contrapontos essenciais na história, proporcionando visões diferentes sobre a situação feminina e os obstáculos da migração. Amaechi, inicialmente vista como uma funcionária submissa, revela-se uma personalidade diversificada que traz na sua voz a sabedoria pragmática para a sobrevivência. Por outro lado, Ijemamaka mantém-se imóvel, atuando como um catalisador para a mudança de Nkem. Assim, Adichie expõe a gama de possibilidades femininas na diáspora, que vão desde a estagnação até a reconstrução. Portanto, "*Réplica*" narra histórias pessoais e constrói um retrato coletivo de vozes que ecoam as tensões de pertença e poder, destacando-se como uma contribuição literária que se conecta profundamente com o mundo atual.

O presente estudo enfrentou uma limitação bibliográfica durante seu desenvolvimento. A existência de estudos publicados sobre o conto "*Réplica*" é escassa em relação aos outros contos escritos pela autora Chimamanda Ngozi Adichie. Apesar de toda a coletânea "*No Seu Pescoço*" tratar de temas relevantes como a identidade cultural, resistência diaspórica nigeriana e o racismo, "*Réplica*" ainda não é muito estudada. Nesse sentido, houve certa dificuldade para encontrar artigos que analisavam o conto sobre outras perspectivas, a fim de ampliar o horizonte teórico. Entretanto, acredita-se que o presente estudo pode contribuir para os estudos literários, em especial para o estudo das categorias narrativas na obra de Chimamanda Ngozi Adichie. Assim, sugere-se que os trabalhos futuros considerem a obra dessa autora sob a ótica dos estudos literários e interseccionais, visto que a coletânea "*No Seu Pescoço*" é repleta de contos cujas temáticas de gênero e raça são o cerne da narrativa.



REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Réplica**. In: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 29-49.
- CANDIDO, Antonio. A personagem no romance. In: Antonio et al. (org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 53-80
- DOURADO, Autran. Personagem, composição, estrutura. In: DOURADO, Autran. **Uma poética de romance**. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 95-109.
- ECO, Umberto. O uso prático da personagem. In: ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Tradução: Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio et al. (org.) **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 11-49.
- SILVA, Maria do Socorro Souza; COSTA, Maria Lidiania. Identidade cultural em trânsito: um olhar a partir do conto “Réplica” de Chimamanda Ngozi Adichie. In: VASCONCELOS, Adaylson Wagner de Sousa (org.) **Letras: representações, construções e textualidades**. Ponta Grossa: Atena, 2021. p. 13. Disponível em: <<https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/letras-representacoes-construcoes-e-textualidades>> Acesso em 18 set. 2025.
- TESTA, Eliane Cristina; SOUSA, Leomar Alves de. **Uma leitura crítico-reflexiva, pela perspectiva de gênero, dos contos “A cela um” e “Réplica”, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie**. Humanidades & Inovação, v. 6, n. 5, p. 31-41, 2019.

